

# DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO SÉCULO XXI: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor: Ana Rosa do Carmo Sana<sup>1</sup>  
Faculdade Machado de Assis  
Coautor: Luciana Batista<sup>2</sup>  
Faculdade Machado de Assis

**RESUMO:** Os desafios apresentados na educação como um todo, levam-nos a pensar e (re)pensar neste tema tão relevante para o país. Nesta pesquisa lançaremos nosso olhar para a educação infantil como berço do desenvolvimento e crescimento de nossa nação. Tomamos como aporte teórico autores renomados e dedicados à educação e em seus reflexos na sociedade, a saber, Gadoti (2010); Varejão Filha (2015); Fáveri (2011); Freire (2015). Neste contexto, o objetivo desta pesquisa foi analisar os desafios da prática docente com o olhar voltado para a educação infantil. O intuito desta pesquisa foi apontar os desafios do docente diante das mudanças da escola, bem como das exigências sobre o profissional do século XXI. A pesquisa foi pautada em levantamento bibliográfico baseado na literatura de autores renomados que trazem à tona aspectos importantes para a educação no século XXI. O resultado da pesquisa mostra-nos que esta frequente discussão ainda produz resistência por parte dos professores em buscar qualificação e desenvolvimento para sua atuação na escola, principalmente do ensino básico. A pesquisa mostrou também, que além da capacitação e ambientação, o professor precisa apreender conceitos variados em relação às tecnologias que fazem parte do cotidiano escolar.

Palavras-Chave: Educação; Prática Pedagógica; Tecnologia; Desafio.

## 1. INTRODUÇÃO

O ambiente do século XXI tem se apresentado de maneira desafiante impondo ao profissional da educação habilidades extraordinárias para dar conta do dia a dia da escola.

No ambiente mutável do contexto atual, onde as informações circulam de maneira acelerada, torna-se necessário buscar meios e métodos eficazes de facilitar e potencializar os resultados educacionais em sala de aula.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Tecnologia da Informação – UFP. Mestre em Teoria Literária – UNIANDRADE. Graduada em Administração – UNOESTE. Pós-Graduada em Gestão de Pessoas - UNIVEL. Pós-Graduada em Engenharia da Qualidade - UNISOCIESC. Graduada em Pedagogia – FAMA. Professora no curso de Administração – FATEC.

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia – FAMA. Pós Graduada em Fisiologia do Exercício – PUC/PR. Graduada em Bacharel em Educação Física – UNIBRASIL.

A tecnologia educacional vem com o conceito de ferramenta que auxilia ou aprimora os métodos de ensino e é também uma aliada no aprimoramento e desenvolvimento das práticas educacionais. A tecnologia proporciona diversas oportunidades e experiências de conectividade e melhor acesso à informação de forma rápida.

Atualmente, sabe-se que algumas escolas já fazem uso de aplicativos nos quais os pais gerenciam a vida escolar dos filhos, bem como, os professores gerenciam os alunos por meio do lançamento de notas e frequência online e avaliando o desempenho individual de cada aluno.

Com estes dados, família, professor e gestão escolar podem juntos contribuir na elaboração de planos de estudos rápidos e eficazes. Entretanto, o cenário atual brasileiro, nesta nova abordagem, está longe da realidade de muitas escolas.

Deste modo, poucas escolas brasileiras possuem computadores acessíveis a seus alunos. E, as que possuem a famosa sala de informática possuem acesso somente nas aulas que ocorrem, geralmente, uma vez por semana, limitando o acesso do aluno a esta ferramenta. Caracterizando assim, as tecnologias na escola com valor socioeconômico e políticos.

O uso de tecnologias e metodologias ativas funciona como um combustível no processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, a prática pedagógica vai tomando novas formas e novos moldes.

Para Moita,

O que vem se afirmando na literatura e na experiência até aqui construída é que no cenário escolar integrados com vivências em multimídia estas geram: a dinamização e ampliação das habilidades cognitivas devido à riqueza de objetos e sujeitos com os quais permitem interagir, a possibilidade de extensão da memória e de atuação de uma rede; ocorre a democratização dos espaços e ferramentas, pois estas facilitam o compartilhamento de saberes, a vivência colaborativa, a autoria, coautoria, edição e publicação de informações, mensagens, obras e produções culturais tanto dos docentes como dos discentes (Moita, p.22, 2011).

É comum perceber nos diálogos relacionados aos mais diversos contextos de organizações e instituições os holofotes voltados em direção à tecnologia aplicável à sala de aula, contudo, torna-se de extrema relevância um preparo não apenas do professor, mas também da direção e coordenação pedagógica.

Tecnologia é a palavra de ordem em todas as organizações e, não seria diferente no contexto educacional. Quando pensamos em tecnologia, vem à mente, métodos inovadores a serem utilizados em sala de aula como Atividades *low tech* (baixa tecnologia), objetos com sucata, criação de blogs, fotografias, leituras online, gamificação. O professor necessita ser capacitado e altamente criativo para utilizar estes métodos em sala de aula e proporcionar o trabalho coletivo.

Para Kenski (2012, p. 24), tecnologia é o conjunto de:

[...] conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de “tecnologia”. Para construir qualquer equipamento - uma caneta esferográfica ou um computador -, os homens precisam pesquisar, planejar e criar o produto, o serviço, o processo. Ao conjunto de tudo isso, chamamos de tecnologias.

O foco de uma educação de qualidade se baseia na autonomia e independência da criação, diferentemente do ensino tradicional cujo foco é centrado na figura do professor, na exposição de conhecimento e cobrança de conteúdo.

## **2. PRÁTICA PEDAGÓGICA E SEUS DESAFIOS**

As práticas pedagógicas no ambiente contemporâneo são bem distintas das práticas docentes do século XX, onde o professor era o único detentor de saber e, se falava apenas de um único sujeito, - o professor. Atualmente no ensino-aprendizagem, dois autores aparecem, - o professor e o aluno.

Na visão de Freire (2015), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (p. 24). Deste modo, percebe-se a necessidade do professor instigar, motivar e envolver o aluno nas atividades pedagógicas do dia a dia da sala de aula, onde o conhecimento ou experiência prévia do aluno fará toda a diferença na aprendizagem.

Fáveri (2011, p. 57), traz a visão clara de uma educação mecânica em que a transmissão pura e simples do conhecimento engessa e aliena os atores sociais, a saber, o aluno. “O professor exerce apenas a função de servidor que

se apropria das verdades já produzidas para transmiti-las ao educando, dando origem à relação entre o sujeito que sabe – o servidor – com o outro que não sabe”.

Esta relação é de todo desastrosa para o aluno e para a sociedade, tal relação produz em larga escala desde os anos iniciais, a um sujeito passivo que não questiona e,consequentemente não praticará o papel de cidadão consciente de suas responsabilidades e, em última análise, alienado e dominado, expressão utilizada por Paulo Freire.

De acordo com Gadoti (2010), a aprendizagem e o saber do aluno devem estar relacionados com a experiência. O autor afirma ainda que,

O professor precisa reordenar esse saber e o seu próprio, elucidando-o, tornando-o coerente. É a partir dessa tarefa diretiva que ele e o aluno, juntos, ganham consciência da qualidade de seu conhecimento e de como ele é produzido. Ele tem um papel diretivo. É apenas dessa forma que eles podem romper com o velho e construir o novo (p. 165).

Neste sentido, percebe-se que a transformação na maneira de ser e estar na profissão vai muito além da sala de aula, cuja mesma, apenas se torna possível com o desprendimento de cada um dos agentes sociais, professor e aluno.

Desta maneira, a prática pedagógica vai depender da busca pela transformação, organização e reorganização do saber. As buscas contínuas por melhoria e amplitude de novos saberes farão a diferença no processo ensino-aprendizagem e na formação do aluno seja ele do ensino infantil, fundamental, médio ou superior.

Assim, como aponta Gadoti (2010, p. 87), “O educador tem que se educar com cada educando. Isto não exime, porém, da sua função essencial de coordenar e dirigir a aprendizagem do educando”. Moita (2011, p. 26) reafirma que processo professor e aluno precisam caminhar juntos nesta construção de saberes, realizando combinados que respeitem e aproximem a cultura de aprendizagem.

A busca contínua por capacitação e melhoria, a busca por novas formas de atuar e novas técnicas que maximizem os resultados na aprendizagem, são os maiores desafios do professor no ambiente acadêmico do século XXI.

Como nos mostra Freire (2015, p. 24), para que o processo ensino-aprendizagem não se torne “blá,blá, blá” – palavras de Paulo Freire -, o processo de aprendizagem deve ser constante, isto é, deve fazer parte da vida do professor continuamente. De acordo com o autor, “(...) quem forma se forma e se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (p. 25).

Ainda para o autor,

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistia validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (p. 26).

Quando o professor, agente de mudança e de transformação na escola ou no ambiente acadêmico se predispõe a aprender e se desenvolver, o mesmo buscar novos caminhos, maneiras e métodos de ensinar, como nos mostra Freire (2015).

Contudo, este diálogo apesar de construtivo nos aponta outro grande desafio latente nas escolas brasileiras. A profissão docente tem sofrido no decorrer do tempo um grande declínio e desvalorização.

É notório que a relação professor-escola está cada dia mais desgastado, em que o docente é pouco valorizado e o processo ensino-aprendizagem perdeu sua efetividade, principalmente na escola pública.

Como aponta Varejão Filha (2015),

A questão da valorização da profissão docente consiste em um elemento fulcral, para facultarmos a efetivação de uma educação de qualidade. Com isso, o docente deve exercer uma prática calcada no comprometimento e no tal deve ser compreendido, deve estar engajado politicamente, tendo uma postura consciente e crítica. Ora, a profissão docente não deve ser uma atividade exercida como mero recurso de complementação de renda. Mas deve ter comprometimento com as diversas questões, que revestem a profissão docente. (Varejão Filha, 2015)

Em síntese, os desafios abordados não são uma novidade ou algo que não possa ser discutido na sociedade, pelo contrário, quando a escola, alunos e professores forem tratados com o devido respeito, teremos uma sociedade forte e consciente de seus direitos e deveres.

## 2. UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

[U1] Comentário: Esse trecho destacado está confuso...

A criança por natureza é curiosa e aberta a adquirir novos conhecimentos. A curiosidade nos pequenos desperta a vontade de aprender, desperta o cérebro para receber novas informações. Existem várias fontes e ferramentas para estimular a curiosidade nas crianças. Usar as ferramentas digitais que norteiam nossa sociedade atualmente ativa a curiosidade e aumenta a vontade de aprender dos pequenos. Entretanto, os professores devem estar preparados metodologicamente para orientar o bom uso da tecnologia como ferramenta educacional.

Um dos grandes erros em ambiente escolar é a negação da tecnologia. Ao fazer isto a escola "rejeita" parte da vida do aluno, visto que as crianças antes mesmo de saberem ler e escrever já sabem manusear celular, *tablets* entre outros com grande maestria. A tecnologia é um fato incontestável na vida das crianças.

As considerações apontadas por Santos; Auler mostram que,

Entendemos que uma educação que se pretenda crítica e transformadora da sociedade não pode continuar refém do discurso do "bom/mau" uso, transformado em senso comum, um senso comum sustentado num discurso que somente se mantém se forem ignorados os valores internalizados nos produtos científico-tecnológicos, sendo os mesmos concebidos como meios, como instrumentos neutros que podem ser colocados a serviço de qualquer forma de organização social. Não podemos mais, numa perspectiva educacional crítica e transformadora, continuar silenciando, sem sinalizar novos horizontes, sobre valores assimilados e omitidos no processo científico-tecnológico atual (Santos; Auler, 2019).

E neste contexto, trazer a tecnologia como aliada ao processo ensino-aprendizagem, o incentivo a esta ferramenta, é possível se iniciar na educação básica, ou seja, já na educação infantil, fase esta em que a criança absorve com grande facilidade novos conteúdos.

É importante ressaltar que na educação infantil as crianças possuem muita curiosidade e trazer para a sala de aula algo diferente do giz, livro e quadro negro, desperta a vontade de realizar a atividade proposta com desafios diferentes, o que facilita e promove a aprendizagem.

Neste aspecto, Barbosa; Bazzo (2013) afirma que,

Evidenciar como os contextos social, cultural e ambiental, nos quais se situam a ciência e a tecnologia, influenciaram a condução e o conteúdo das mesmas; como ciência e tecnologia, por sua vez, influenciaram aqueles contextos e, finalmente, como ciência e

tecnologia têm efeitos recíprocos e suas inter-relações variam de época para época e de lugar para lugar [...] (p. 154).

Neste sentido, o professor passa a atuar como mediador, e não mais como detentor do conhecimento, precisa estar “antenado” às novas tecnologias que surgem e se transformam todo o momento.

Demo (1998) ressalta que, “um bom educador deve interferir no processo educativo de forma inovadora, desenvolvendo a competência do saber pensar, sempre buscando novas formas de aprender”. A tecnologia como uma nova abordagem pedagógica necessita ser intencional e principalmente planejada. Demo (2008) esclarece o papel do professor neste desafio da introdução do uso da Tecnologia da Informação e Comunicação no ambiente escolar

O desafio será, pois, introduzir em plataformas virtuais dinâmicas autênticas de aprendizagem e formação, algo que depende, acima de tudo, da qualidade docente. As TICs não colocam em risco o professor, a não ser o instrucionista. Ao contrário, exigem tanto mais a presença maiêutica, razão pela qual a discussão tem valorizado muito noções pedagógicas socráticas (maiêutica, coach) e freireanas (autonomia/autoria) (Warlick, 2007. Sunstein, 2006). Ao final, a melhor tecnologia na escola é o professor, insubstituível, pois, de fato, a muitos educadores incomoda a pretensão por vezes lançada em ambientes tecnológicos de varrer a didática docente e com ela a própria escola, como se as novas tecnologias resolvessem tudo sozinhas. A escola mantém, de todos os modos, um trunfo fundamental: toda proposta de inclusão digital é tanto mais efetiva e duradoura quanto mais for realizada na escola, em especial através da alfabetização. E isto implica incluir, antes de mais nada, o professor. Toda proposta que investe na introdução das TICs na escola só pode dar certo passando pelas mãos dos professores. O que transforma tecnologia em aprendizagem, não é a máquina, o programa eletrônico, o software, mas o professor, em especial em sua condição socrática.

Desta forma, a escola necessita proporcionar ao educador a capacitação necessária, não apenas deixar a responsabilidade para o professor em seu plano de aula diário.

Ao usar a tecnologia como ferramenta educacional o aprendizado se torna mais atraente, tornando-se materiais didáticos e, conseqüentemente mais atrativos e estimuladores no processo ensino-aprendizagem. A tecnologia proporciona ao aluno um envolvimento ativo, em que ele tem a oportunidade de manipular, sentir e desenvolver os conteúdos transmitidos.

O uso das tecnologias se apresenta tão relevante que até seria o caso de se incrementar esta nova ferramenta metodológica ao PPP (Projeto Político

Pedagógico) da escola, já que ele é utilizado de forma intencional e planejada, e após a execução deve ser feito um feedback dos resultados alcançados. Isto torna sua utilização uma forma positiva, segura, responsável e porque não inclusivo, visto que muitas de nossas crianças ainda não possuem contato frequente com as tecnologias.

Em última análise, ressalta-se que o uso das tecnologias não irá substituir os métodos atuais e sim aliar as práticas educacionais. As práticas como: folhear um bom livro, as tradicionais brincadeiras de rodas entre outras interações sociais que são importantes para o desenvolvimento das crianças.

De acordo com Sancho,

É por meio dessa interação que os indivíduos desenvolvem as suas estruturas cognitivas superiores e, ao mesmo tempo, intervêm sobre o meio. A interação ocorre dentro da estrutura dos sistemas de atividade que estão mediados social e instrumentalmente. Esta mediação incide na conformação das funções psicológicas superiores dos seres humanos, ao mesmo tempo em que intervêm no seu meio ambiente. Essas funções têm uma natureza instrumental pelo caráter mediado dos estímulos que as geram; cultural pela estrutura social das atividades e pelo caráter dos instrumentos/meios que intervêm, e histórica porque tanto os instrumentos como os e sistemas de atividade nos quais se integram são fruto do decorrer da história social da humanidade mais ou menos internalizada por cada indivíduo (p 84. 1998).

O uso da tecnologia na educação infantil desperta a curiosidade e aguça a imaginação.

E neste contexto, Machado nos traz a dialética de usar ou não as tecnologias como ferramenta pedagógica no processo ensino aprendizagem.

Não se trata de discutir o uso ou não uso das tecnologias – o que, além de um contrassenso do ponto de vista da racionalidade técnica e da perspectiva histórica, seria estéril, uma vez que elas estão por toda a parte e sua presença somente tende a aumentar. Trata-se de buscar um mínimo de consciência sobre seu uso, que possibilite à escola o exercício das funções primordiais, sem o insólito expediente de deixar-se pautar pelo que as tecnologias permitem ou não realizar (Machado, p.100. 2014).



### **3. CONCLUSÃO**

Este artigo proporcionou a reflexão sobre a utilização da tecnologia como ferramenta pedagógica no processo ensino aprendizagem.

Verificou-se ainda que a tecnologia não irá substituir as práticas existentes, mas sim aliar e agregar valor à aprendizagem e na construção de uma educação inovadora, estimulante e criativa.

Conclui-se que a criação deste canal diferenciado potencializa o processo ensino-aprendizagem e estimula a imaginação e potencial criativo da criança.

A pesquisa apontou também que a formação continuada dos professores se faz necessária, já que, a tecnologia surge e se transforma a todo instante.

Neste sentido, ser e estar na profissão docente são mais que uma função, é uma vocação. É imprescindível a união de forças para que o processo aconteça com qualidade superior, direção, coordenação e professor lutando ombro a ombro por uma educação de qualidade.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, L. C. A.; BAZZO, W. A. O uso de documentários para o debate ciência-tecnologia-sociedade (CTS) em sala de aula. **Ensaio: pesquisa em educação em ciências**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 149-161, 2013.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. São Paulo. Cortez: autores associados, 1998.

FÁVERI, J. E. **Filosofia da Educação: o ensino da filosofia na perspectiva freireana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GADOTI, M. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: Um novo ritmo da informação**. 8ª ed Campinas: Papirus, 2012. p 15-25.

MACHADO, N. J. **Conhecimento e valor**. Coleção Educação em pauta: teoria e tendências. São Paulo: Moderna, 2004.

SANCHO, J. M. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Rosemar Ayres dos; AULER, Décio. Práticas educativas CTS: busca de uma participação social para além da avaliação de impactos da Ciência-Tecnologia na Sociedade. **Ciênc. educ. (Bauru) vol.25 no.2 Bauru Apr./June 2019 Epub July 01, 2019**.

VAREJÃO FILHA, M.C.C. **Prática pedagógica docente promotora de igualdade racial**. – Recife: O Autor, 2015.

MOITA, Ana Beatriz Gomes Carvalho. **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande. Eduepb; 2011.

DEMO, Pedro. TICs e Educação. Disponível em: <https://pedrodemo.blogspot.com/2008/08/tics-e-educacao.html> (Acesso em 17/09/2019).